

## AVALIAÇÃO DAS ELEIÇÕES DOS METALÚRGICOS DE SÃO PAULO

As eleições para o sindicato dos metalúrgicos de SP foram um acontecimento que repercutiu em todo o movimento sindical brasileiro e em parte significativa do movimento político-partidário. No PT, por exemplo, estas eleições são pauta de avaliação em núcleos, diretórios, encontros etc. A significativa vitória da chapa 1 e a ofensiva do novo presidente em torno do chamado "sindicalismo de resultados", a consequente derrota da CUT e das forças mais à esquerda do campo da CUT e as implicações estratégicas que esta categoria tem na constituição de uma alternativa socialista e revolucionária impõem ao Partido como um todo - e não só em São Paulo - a necessidade de realizar uma avaliação, mesmo que inicial, sobre este evento.

### I. A PROPOSTA DE CHAPA

A política assumida pelo CR-SP a respeito do processo de formação de chapa coincidiu, em seus traços gerais, tanto com a política do MOMSP como com a de outras organizações de esquerda que atuam na CUT, com exceção do MCR. Esta política consistiu em lutar por uma chapa única da CUT, a ser definida através de um processo democrático cujo desfecho seria a realização de uma Convenção final da qual participariam todos os ativistas que de um ou de outro modo atuavam vinculados à CUT. Compunha também um elemento desta tática a disputa pela hegemonia e pela cabeça da chapa por parte do MOMSP.

Corrotamente, as forças articuladas com o MOMSP buscaram comprometer as instâncias Regional, Estadual e Nacional da CUT quanto à definição e o estabelecimento de critérios democráticos para a definição da chapa da CUT. Todas estas instâncias aceitaram os critérios defendidos pelo MOMSP como critérios válidos, de acordo com aqueles já consagrados pela CUT, e foram assumidos como critérios da própria CUT.

Porém, é necessário compreender como se colocavam as outras forças políticas para proceder uma avaliação que consiga apanhar os acertos e os erros desse processo. No que diz respeito à CUT, a chamada Articulação dos "113" vinha desenvolvendo um processo no sentido de impor uma chapa da CUT onde o MOMSP figurasse minoritariamente e tendo como cabeça de chapa Lúcio Belantani, presidente da comissão de fábrica da Ford-SP. Esta articulação, no entanto, sentiu-se extremamente insegura quanto à possibilidade de conseguir maioria num processo democrático de definição de chapa. Por isso, apelou para formas de pressão e intimidação no sentido de forçar o MOMSP a aceitar critérios impostos. Ante o não recuo do MOMSP quanto aos critérios, desenvolveu-se uma contradição no campo dos "113", na medida em que, do ponto de vista formal nas instâncias da CUT, as suas lideranças aceitaram os critérios do MOMSP, e nos bastidores, particularmente os seus representantes na categoria metalúrgica de SP, manobravam no sentido de não aceitar esses critérios.

Pode-se dizer que a situação fugiu do controle das lideranças dos "113" quando o Lúcio, sentindo-se inseguro numa disputa em Convenção, unilateralmente, e já nas vésperas dos prazos finais para a formação de chapas, rompeu com a articulação que se desenvolvia no campo da CUT e formou a chapa 2 com parte da diretoria do sindicato constituída por elementos do PDT e do PCdoB. Há quem acredite que esta atitude de Lúcio foi incentivada por lideranças destacadas do PT e da CUT. A verdade é que ele formou esta chapa dizendo-se representante da CUT, fato que obrigou o presidente nacional da CUT a desmenti-lo através da imprensa. Com a definição da chapa 2, o MOMSP, a CS e o que sobrou da Articulação dos "113", a chamada Alternativa, formaram a chapa 3 na Convenção da CUT. Esta chapa teve o apoio oficial da CUT, com destaque para o seu presidente, embora a CUT como um todo não tenha dado um apoio material e político efetivo.

O PCdoB e o PDT, por seu turno, juntas com Luiz Antonio Medeiros, eram membros da antiga diretoria que dava sustentação ao Joaquinão. Somente com a aproximação do processo eleitoral evidenciou-se o "racha" na diretoria. Os elementos do PCdoB e do PDT, é necessário que se diga, tinham uma prática sindical que em nada se diferenciava do gangsterismo. Moveram perseguições truculentas contra os membros da CUT na categoria e muitos desses 11 diretores que formaram a chapa 2 foram responsáveis pela "deduração" de vários militantes do MOMSP fazendo-os perder o emprego e sofreram as perseguições do patronato e do esquema de "Segurança e Informações" que se articula nas fábricas. Além disso, o PCdoB e o PDT, que na categoria o ademarista, foram os pontas de lança de combate à CUT, chegando ao cúmulo de, nas vésperas das eleições, convocarem uma assembleia irregular da categoria visando mudar os Estatutos do Sindicato para inviabilizar a chapa da CUT, aliás com o apoio ativo de Lucio Belantani. Este fato foi denunciado pelo próprio Medeiros através da imprensa, sem que tenha sido contestado.

É importante ter uma noção clara desses fatos, pois o questionamento que se pode fazer ao MOMSP quanto à política de alianças é se era possível ou não fazer uma chapa com o PCdoB e o PDT. Esta é a questão fundamental a ser respondida. Do nosso ponto de vista, esta aliança era inviável, pois as circunstâncias que envolviam as forças políticas da categoria conduziram a uma situação de impossibilidade política de aventar e de constituir esta chapa. Estas circunstâncias conduziram a uma lógica política específica inerente à disputa e ao sectarismo entre estas forças, de tal modo que era impossível mudar a situação sem que houvesse graves prejuízos políticos como, por exemplo, uma racha do MOMSP com a formação de outra chapa. Sequer esta possibilidade estava colocada para a articulação dos "113". A defeção de Lucio foi praticamente defeção individual. Naquele momento, fazer chapa com o PCdoB e o PDT significava fazer chapa com os inimigos da CUT na categoria. Mesmo que alguma liderança do MOMSP aventasse a possibilidade dessa chapa, para a militância, principal desafeto dessas forças políticas, isto era absolutamente inaceitável, dado o grau de antagonismo existente entre essas forças. Além do mais, é necessário lembrar que naquele momento o PCdoB mal dava início a um processo de crítica em relação à Nova República. Como conclusão, é necessário apontar como correta a política de alianças do MOMSP ao lutar pela chapa única da CUT. A título de informação, pode-se dizer hoje que as forças que atuam na CUT na categoria, o PCdoB e o PDT, tendem a uma evolução de relações para combater juntas a atual ditadura, política que vem sendo defendida pelo partido em São Paulo.

## 11. A TÁTICA ELEITORAL

A vitória da chapa 1 e a derrota da chapa 3 definiram-se basicamente na tática eleitoral. O primeiro fator a ser analisado diz respeito à conjuntura política do país e seus reflexos nas eleições. Já na época das eleições evidenciava-se um crescente descrédito no governo. Mas, paradoxalmente, as forças políticas de esquerda, particularmente o PT e a CUT, não conseguiram credenciar-se como alternativa política. Naquele período, foram pouco significativas as lutas políticas e sociais lideradas pelo PT e a CUT. Não houve um trabalho de agitação do PT e da CUT junto às greves das categorias; nem o PT e nem a CUT conseguiram equacionar um movimento de massas em torno da Constituinte; as propostas constituintes do PT não alcançaram uma repercussão de massa; a própria campanha das diretas que ganhava simpatia popular não tinha sido trabalhada a nível de massa pelo PT e pela CUT até o momento das eleições metalúrgicas. Esta ausência de direção de movimentos e de constituição de alternativas por parte do PT e da CUT certamente refletiu-se nas eleições na medida em que a chapa 3 era identificada com o PT e apresentava-se como chapa da CUT. Na verdade, no movimento em geral existia uma ausência de atividade. PT e CUT, embora contassem com a simpatia dos metalúrgicos mais radicalizados e conscientes, não apareciam para a grande massa de votantes como alternativa real e visível. Esta situação, e levan-

do-se em conta ainda que o PMDB saiu vitorioso em 15 de novembro com muitos votos metalúrgicos e que a categoria vinha de um longo período de dominação pelega, favoreceu a chapa 1, já que pela ausência de atividade a massa tendia a definir-se pela força da inércia política favoravelmente às forças políticas estabelecidas nos aparatos e nas instituições.

Em que pese o profundo descontentamento das massas em relação ao governo, ao mesmo tempo elas expressavam um estado de espírito caracterizado pela desilusão, apatia e ceticismo. Este ceticismo é produto de sucessivas derrotas do movimento, desde a campanha das diretas de 84, não realização das promessas mudancistas da "Nova República", "fraude" das eleições de 15 de novembro quando o PMDB e as forças conservadoras saíram vitoriosas, especulando com o congelamento e em seguida mudaram o discurso e os atos, a falência do Plano Cruzado, o fracasso da greve geral de dezembro etc. O ceticismo e a apatia são prejudiciais às forças combativas do movimento, e num momento de dificuldades econômicas e arrocho eles tendem a favorecer, não as forças que acenam com a luta, mas aquelas que acenam com a possibilidade imediata de ganhos reais. A chapa 1 apercebeu-se desse estado de espírito e dessa situação conjuntural e articulou uma tática eleitoral fundada num "sindicalismo de resultados". A chapa 3 não tinha noção da conjuntura e acenou com a proposta de um "novo sindicalismo" indefinido, de luta por um socialismo generico e de defesa da CUT.

Durante a campanha evidenciava-se já também uma conjuntura de recessão e arrocho. Mais uma vez a chapa 1 captou esta conjuntura e traçou uma tática eleitoral visando dar conta desse problema. Na medida em que uma situação de recessão implica em arrocho salarial, instabilidade, desemprego etc, o temor dos trabalhadores pelos salários e seus empregos é inevitável. A chapa 1 centrou sua tática na questão dos salários, mostrando que a política sindical desenvolvida pela diretoria do sindicato e pela CGT conduzia a ganhos salariais reais dos metalúrgicos de SP. E através de quadros demonstrativos mostrou que os metalúrgicos de SP obtiveram maiores vantagens salariais do que os bancários de SP e os metalúrgicos do ABC, categorias dirigidas pela CUT. Na medida em que as chapas 2 e 3 se identificavam com a CUT, a chapa 1 atuou junto a categoria levantando um suposto perigo de perdas salariais caso uma dessas chapas vencesse as eleições. Articulava-se já na campanha eleitoral uma ofensiva ideológica em torno do "sindicalismo de resultados". A chapa 3 não tinha uma proposta sindical concreta. Limitou-se a defender o "novo sindicalismo" e a campanha dos "dois gatilhos já", proposta defendida também pelas outras chapas. A chapa 1 moveu também um grande ataque contra a CUT tentando identificar os cutistas como baderneiros e desordeiros. Esta tática eleitoral, simples mas bem articulada, funcionou principalmente junto a grande massa de filiados, atrasados politicamente, dispersos em pequenas e médias fábricas e preocupados com os empregos e salários. O "sindicalismo de resultados" e o apelo ao corporativismo deram uma vitória a chapa 1 já no primeiro turno inclusive em muitas grandes fábricas, fato novo em relação a eleições anteriores.

Certamente, os equívocos e as deficiências do MOMSP para enfrentar adequadamente a chapa 1 e apresentar uma proposta sindical e política alternativa ao "sindicalismo de resultados" situam-se nas próprias concepções do MOMSP. Embora não seja o objeto dessa nossa análise, podemos caracterizar estas concepções, por um lado, como doutrinárias, ao atribuírem ao movimento sindical o papel de direção da luta pelo socialismo; e de outro, economicistas, ao colocarem as tarefas da luta econômica como centrais e exclusivas e ao não participarem e até criticarem as tarefas da luta política. Em consequência desta visão, na campanha eleitoral, a chapa 2 teve uma postura mais ofensiva no combate ao governo Sarney e na exigência das diretas.

O segundo fator a ser considerado, na avaliação das eleições, diz respeito a situação interna do PT e da CUT. Muitas das lideranças impor

antes do PT e da CUT assumiram uma postura aparentemente de indiferença em relação às eleições, principalmente no primeiro turno. Parecia que não estava sendo disputado o mais importante sindicato da América Latina, um sindicato cujas posições têm influência direta sobre a situação conjuntural do país e numa categoria estratégica para a constituição de uma alternativa de caráter operário. A principal preocupação destas lideranças não foi derrotar o peleguismo, mas impedir que o MOMSP se tornasse direção do Sindicato. Derrotados na sua política autoritária de pressões e manobras para impor uma chapa da CUT de acordo com as suas conveniências, viram na defecção de Belantani e na sua composição com o PCdoB e o PDT uma saída, dando-lhes um apoio convergente no primeiro turno e sabotando o apoio à chapa da CUT. Estes setores devem ser responsabilizados politicamente no movimento por essa atitude que favoreceu a chapa 1 e pela quebra da unidade no campo da CUT. Desse processo é necessário aprender a lição de que lutar pela democracia no movimento e principalmente na CUT é um fator de combate às correntes economicistas de tendência burocrática. Esta postura sabotadora da unidade em torno da chapa da CUT fez com que o MOMSP enfrentasse uma dura batalha na busca de apoios, num dispêndio de energias e tempo durante a própria campanha com evidentes prejuízos políticos. O resultado da política desses setores foi fazer com que a CUT aparecesse dividida em duas chapas. Este foi um dos fatores decisivos para a vitória da chapa 1.

O surgimento de duas chapas apresentando-se como chapas da CUT conduziu a novos erros por parte da chapa 3. A chapa 3, equivocadamente, estabeleceu uma polarização central com a chapa 2, buscando afirmar-se como chapa da CUT na medida em que a chapa 2 também se apresentava como chapa da CUT, com a tolerância oportunista do PCdoB e do PDT. Estabeleceu-se assim um embate sectário em torno de quem representava a CUT entre as chapas 2 e 3, embate que, se era importante para os ativistas mais avançados, não polarizava a grande massa de votantes. A chapa 1 aproveitou-se dessa disputa para aumentar a confusão, atacar a CUT e desgastar as outras duas chapas. Embora no programa da chapa 3 se expressasse o combate ao peleguismo da chapa 1, na disputa de fábricas prevaleceu o confronto com a chapa 2. Esta tática foi conseqüência, além do sectarismo, de avaliações equivocadas que subestimaram completamente a força e a possibilidade de vitória da chapa 1 e superestimaram a própria força do MOMSP. (Ressalte-se que o CR/SP apontou desde o início a necessidade de estabelecer a polarização central com a chapa 1). Com tudo isso, a chapa 3 não conseguiu credenciar-se como alternativa de direção sindical das lutas econômicas e políticas da categoria e não conseguiu caracterizar o peleguismo da chapa 1, o governo e o patronato como os principais inimigos. A face de combatividade da chapa 3 apareceu deformada pela face do sectarismo mergulhada na generalidade de suas propostas. E, além disso, por força dessa polarização principal com a chapa 2, a chapa 3 viu-se impossibilitada de unir-se no apoio à chapa 2 no segundo escrutínio, de acordo com proposta do partido e de outras forças, o que a levou à paralisia, à desarticulação de suas bases e ao aprofundamento da derrota, sua e da CUT.

Desalojar um peleguismo histórico numa categoria onde a consciência predominante é o corporativismo, o economicismo e o atraso político não é uma tarefa fácil. Inexistem na classe operária brasileira bolsões de massa politizados e com consciência socialista e revolucionária. Organizar e constituir uma alternativa de direção numa categoria como a dos metalúrgicos de SP implica em ter presente que ela só se tornará efetiva com esta politização e consciência e com a intervenção de quadros altamente preparados. Esta disputa não poderá ser levada a efeito com êxito se não existir uma compreensão clara sobre uma série de questões como o papel dos sindicatos num tipo de capitalismo como o brasileiro, a função dos revolucionários comunistas no movimento sindical, o estágio e a formação da classe operária, a relação entre sindicato e partido, a relação entre a luta econômica e a luta política, o trabalho

Definida, a relação do movimento sindical com o movimento popular e com as lutas políticas gerais, as novas formas de dominação, repressão e alienação dos trabalhadores nas fábricas etc. Enfim, é uma enorme e complexa estrutura de questões que devem ser dominadas e compreendidas por aqueles que pretendem desenvolver uma luta de caráter socialista e revolucionário no movimento sindical. Criticar o MOMSP pelos seus equívocos não exime o Partido de uma autocritica por não ter uma proposta definida para o movimento sindical. E, em que pese os equívocos e a derrota do MOMSP, ele continua sendo a única alternativa ao "sindicalismo de resultados" e ao peleguismo na categoria dos metalúrgicos. A tarefa do Partido é a de contribuir para que o MOMSP encontre os rumos de uma política correta.

Outubro de 1987

A Comissão Executiva do CC